

SERVIÇO DE

ENTREGAS MONSTRUOSAS

intrínseca



~~Jim Anotsu~~
GUSTAVO

**O SERVIÇO DE
ENTREGAS
MONSTRUOSAS**

**~~Jim Anotsu~~
GUSTAVO**

**COMENTÁRIOS
Strix, a fada**



Copyright do texto © Jim Anotsu 2021

REVISÃO

André Marinho

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO E CAPA

Felipe Nero Cunha

**POR MOTIVOS LEGAIS, PRECISAM DIZER QUE ESTA
É UMA OBRA DE FICÇÃO E QUALQUER SEMELHANÇA
COM NOMES, PESSOAS, FATOS OU SITUAÇÕES DA
VIDA REAL É MERA COINCIDÊNCIA. MAS TUDO ISSO
ACONTECEU COMIGO DE VERDADE!**

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ARTE DE CAPA

Larissa Fernandez Carvalho e Leticia Fernandez Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A625s Anotsu, Jim, 1988-

O serviço de entregas monstruosas / Jim Anotsu ; ilustração

Felipe Nero Cunha. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

416 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-5560-244-9

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Cunha,
Felipe Nero. II. Título.

21-70804

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

QUEM SOU EU?

Nome: GUSTAVO

Idade: 13 ANOS

- CABELOS REBELDES QUE DESEJAM INDEPENDÊNCIA DE MIM.
- CABEÇA CHEIA DE IDEIAS ESTRANHAS.
- MAGRICELA. RISCO DE VOO.
- ODEIO MARACUJÁ.
- ÓCULOS REDONDOS.
- GOSTO MAIS DE PLANTAS DO QUE DE GENTE.
- ABSURDAMENTE FRACOTE, GRAÇAS A ZEUS.
- LIVRO FAVORITO: *KOSMOS*, DE ALEXANDER VON HUMBOLDT.

NOTA DA EDITORA, STRIX, FADA CONFIÁVEL E DE CONHECIDO REQUINTE:

Eu, Strix, fada confiável e de conhecido requinte, fiz comentários ao longo do texto e o corriji nos pontos necessários. Todo e qualquer erro é culpa do autor e do tradutor. Sobre a tradução, é preciso dizer: *o tradutor é um traidor*.

O sr. Jim Anotsu, tradutor, ao ~~verter~~ traduzir para o português um texto escrito originalmente em mineirês, escolheu palavras esquisitas e nem sempre se manteve fiel ao texto original.

P.S.: Um claro exemplo disso é o fato de ele ter usado a palavra “verter” ali em cima em vez de “traduzir”, que significa a mesma coisa, só que mais fácil de entender. Por favor, tradutor, não complique o texto.

Faça seu trabalho de forma invisível e não incomode o leitor com vocabulários.

Estou de olho!

== UM CAPÍTULO: == O REPOLHO DA MORTE!

só faltavam cinco minutos para a entrega.

A regra número um do Serviço de Entregas Monstruosas? *Não se atrase.*

E o que eu estava fazendo? *Atrasando-me.*

Existe um grande problema em não cumprir o horário combinado com um monstro: eles são os piores clientes do mundo. Por exemplo, já ouvi histórias na firma sobre um gigante que tentou arrancar os braços do entregador porque suas minipizzas de catarro atrasaram *dois minutos*. E ficou só nisso porque o gigante estava de *bom humor*. Logo, imagine minha situação, atrasado pra entrega de uma ENCOMENDA ESPECIAL SUPERIMPORTANTE dum fauno ricoço.

— Prest'enção na rua! — A voz da fadinha no meu ombro me trouxe de volta pra realidade.

Lá estava eu: navegando por entre o mar de carros em Bello Horizonte, montado na velha DKW, uma motoneta vermelha e branca que enferrujava na família havia três gerações, feito um velho parente que, cumprindo hora extra no mundo, testemunhava as idas e vindas de nascimentos

e mortes. O trânsito, naquela hora da noite, costumava ser tranquilo, porém uma passeata do Sindicato das Bruxas da Pampulha atrapalhava tudo.

— Não se preocupe — respondi. — Eu sei o que estou fazendo.

Fui por entre os carros, esbarrando em retrovisores pelo caminho. Sentindo o vento nas minhas roupas e na minha cabeça. Strix, a fadinha da família, se agarrava com uma mão na gola da minha camisa e dava coordenadas. Ela era o meu GPS pela cidade, no entanto, sua verdadeira função era ser uma influência positiva sobre mim. O que era uma missão fácil, porque sempre fui uma pessoa bem ponderada e de juízo.¹

— Não vai dar para fazer a entrega na hora — disse ela. — Temos quatro minutos e faltam DEZ quilômetros. Não dá tempo!

Fiz uma careta de desgosto. Toda a extensão da avenida Antônio Carlos se encontrava lotada de carros e não havia saída. Estávamos, de um lado, cercados pela gigantesca lagoa do bairro — 18 quilômetros de água — e, do outro, pelo aeroporto. Eu já podia ver, na saída do lago, a aglomeração das bruxas em passeata, com seus cartazes, megafones e placas.

1 Mentiroso.



BRUXAS
= DO MUNDO, =
UNI-VOS!



COOPERATIVA
CATARRENTA
= É A =
SOLUÇÃO



SE A BRUXA
○ CATARRO
PRODUZ,
A ELA TUDO
PERTENCE!

A movimentação acontecia porque as bruxas diziam não estar sendo bem remuneradas pela produção da catota de nariz — que, por sua vez, era usada na fabricação de pizzas e lasanhas de micro-ondas para monstros. Pro Povo Mágico, a gosma de bruxa era como catupiry: estava em bordas de pizza, empadinhas, coxinhas e macarronadas de domingo. De acordo com um garoto da minha sala, que provou uma pizza de calabresa com cobertura de Quatro Catarros, a coisa parecia queijo brie estragado.² Talvez as bruxas até tivessem uma reivindicação justa, mas será que a passeata não podia ter sido *outro* dia?

Olhei de um lado pro outro, mas não havia escapatória... eu teria que apertar **O BOTÃO**.

— Você não pode fazer isso — falou Strix, me vendo esticar a mão pro ponto vermelho ao lado do velocímetro. — Papai avisou pra gente *nunca* encostar nesse botão.

— Você quer se atrasar pra nossa primeira entrega e virar aperitivo de fauno? — respondi. — Tenho certeza de que, quando ele me devorar, você vira palito de dente.

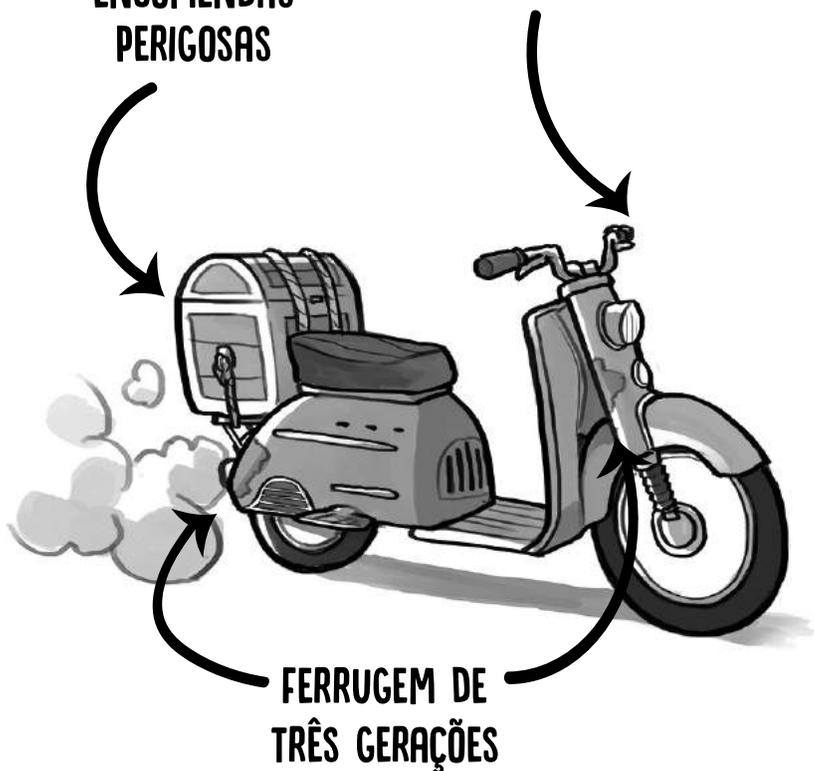
Não pareceu argumento o bastante pra ela.

— Não temos autorização, Gustavo — rebateu com a vozinha esganiçada. — Você tem uma Licença Juvenil para Pequenos Serviços, precisa submeter um pedido de autorização autenticado e em duas vias para o Departamento de...

2 Um queijo que já tem gosto de mofo.

**BAÚ PARA
ENCOMENDAS
PERIGOSAS**

**FUNÇÃO DE VOO.
PROIBIDO USAR!**



Strix nem terminou a frase... meu polegar já naufragado no botão vermelho.

Um barulho de CREC e TROC no motor, catracas coléricas, assim como o som de escapamento que mais parecia o grasnado de um pato em vias de órbita. Por um segundo eu achei que não fosse render, mas, então, senti uma arrancada violenta e o cheiro de borracha queimando no asfalto. De repente, a moto saiu em disparada

pelo corredorzinho formado por carros, a velocidade cada vez maior.

100 km/h...

150 km/h...

200 km/h!

Meu corpo foi pra trás quando a roda dianteira subiu, rodando sem obstáculos no ar. Admirei o instante em que larguei do chão por completo, ascendendo pr' além do engarrafamento. Soltei um grito empolgado e ri durante bons segundos, meu primeiro voo sozinho.

Dei uma acelerada e desviei de um louco pombo que veio na minha direção. O céu de Bello Horizonte — ao contrário do asfalto, que tinha suas horas tranquilas — era *sempre* tumultuado. Enxames de fadas, pessoas com mochilas a jato, bruxas em suas vassouras e dragões. O espaço aéreo também era dividido com os aviões enormes da Panair do Brasil, dirigíveis de todos os tamanhos que saíam do aeroporto e outros veículos voadores.

Olhei pra bússola no painel e aprumei em direção ao meu destino.

— Papai vai te *matar* quando souber — falou Strix, insatisfeita com o desenrolar da situação. — Não quero estar na sua pele quando isso acontecer.

Sorri.

— Se você não contar, eu também não conto — respondi. — Onde está o seu espírito de aventura, Strix?

— A única coisa que prevejo é o espírito do CASTIGO, Gustavo.

A fadinha fechou a cara e baixou seus óculos de aviador sobre os olhos.

A moto singrou céu afora, fazendo um barulhão à medida que sobrevoávamos as águas escuras da Lagoa da Pampulha.³ Dali eu podia ver os pontos famosos da região: os bondinhos que iam pro centro da cidade, os trólebus cortando o bairro, o Cassino onde os ricos se divertiam, a Casa do Baile — onde pessoas bregas dançavam coisas bregas e usavam seus vestidos mais caros (que eram igualmente bregas) — e o Iate Golfe Club. Também havia uma igreja branca e azul que tinha sido projetada por um arquiteto famoso e decorada com pinturas de outro cara famoso. Todavia as partes que me interessavam eram o Parque de Diversões e o Zoológico Municipal, pouco mais pra cima da Lagoa.

Fiquei satisfeito de testemunhar os meus reparos funcionando tão bem. A função de voo estava quebrada havia uns dois anos, mas, como eu adorava desafios mecânicos, tinha aproveitado as férias pra me entocar na “oficina” e consertar a máquina.⁴

O endereço da entrega chegava, cumprindo a dupla função de ser o primeiro da noite tanto quanto da minha carreira. Diminuí a velocidade e aponte pra baixo. Vi a

3 Que um dia já foi ribeirão, porém... as águas corrediças foram disciplinadas até um estado de bela e estúpida placidez.

4 Porque eis as verdadeiras vocações do garoto: catalogar, desmontar e incomodar.



ruazinha do fauno. Olhei pro relógio no meu pulso, ainda faltava um minuto.

— Vai dar certo, Strix!

A fada não respondeu, ainda contrariada pelo meu uso do proibido botão de voadura. Nem atentei muito porque Strix era SEMPRE assim, querendo murchar a graça de tudo.

Respirei fundo e me ajeitei pra pousar. O chão cada vez mais iminente, assim como os telhados (!), as árvores (!!) e os prédios (!!!). Implorei a Hermes⁵ pra não me spatifar. Os manuais de voo atestavam que o grosso dos acidentes dá-se na decolagem ou no decorrer do pouso, de modo que procedi prudente.

A roda traseira encostou no asfalto, cantando e levantando fumaça. Senti um tranco e, por um instante, achei que fosse me ralar no chão, mas ficou tudo bem e eu parei na frente do número 101.

Era uma casa de quatro andares e com a fachada toda de vidro escuro. O muro branco tinha cerca elétrica e um recado: ENCOSTE E FIQUE BEM PASSADO. Para exemplificar

5 Padroeiro dos entregadores e carteiros.

o aviso, havia o cadáver dum macaquinho analfabeto pendurado na cerca. Muito bem passado, por sinal.

— Trinta segundos, Gustavo — avisou Strix.

— Tudo bem — respondi. — Toque a campainha que eu pego a encomenda.

— Mas...

— AGORA, Strix, não temos tempo!

A fadinha voou na direção do portão. Foi com seu voar torto, em razão de ter uma asa maior que a outra, deixando um rastro de pó colorido e brilhante no ar. Ela empurrou a campainha com o ombro, fazendo uma careta por causa do esforço.

Então, fui até o baú que ficava na traseira da moto. Tirei de lá uma caixa de papelão alaranjado com o símbolo do Serviço de Entregas Monstruosas: uma caixinha com asas e dois dentinhos afiados. Assim que segurei a caixa nas mãos, ela sacudiu com força e eu quase a derrubei.

O que estaria ali dentro?

Ignorei a minha curiosidade e fui pra porta no instante em que ela se abriu, dando visão a uma das figuras mais intimidadoras do mundo.

Um fauno gigantesco, quase três metros de altura, com chifres e pernas de bode, o corpo de um halterofilista. Suas mãos eram do tamanho da minha cabeça e poderiam esmagá-la sem o menor esforço. Vestia um paletó preto, colete prateado, camisa branca com botões perolados e uma gravata-borboleta preta — tudo tão apertado em seus

milhares de músculos que o tecido parecia prestes a *explodir*. As roupas e o relógio de ouro me diziam que ele era ainda mais rico do que eu havia imaginado. O tipo de morador que o entorno da Lagoa atraía.

— Bem na hora — disse o fauno. — Estou esperando por isso há semanas. Será uma bela adição ao zoológico.

A frase renovou minha curiosidade acerca do pacote. Afinal, meu sonho era viajar pelo mundo catalogando plantas e animais, como o meu maior ídolo, Alexander von Humboldt, um cientista aventureiro do século XVIII.

— Com licença, senhor... — comecei a falar. Strix me cutucou, tentando evitar que eu quebrasse a regra de nunca falar primeiro. — Você trabalha no zoológico?

O fauno riu.

— Eu sou o *diretor* do zoológico, garoto. E o maior provedor financeiro do lugar. E... bem... isto aqui... — disse ele, apontando pra caixa — ... é minha maior contribuição de todas: o último...

— ... ovo de Dragão da Patagônia!

As palavras brotaram atrás das minhas costas com um forte sotaque francês e fizeram com que eu e o fauno nos assustássemos. Quando virei, me deparei com uma figura enigmática vindo em nossa direção. Um narigudo vestido de preto da cabeça aos pés, na companhia de um bigodinho pavoroso e um gorro na cabeça. Ele tinha um pequeno triângulo tatuado na mão e carregava um objeto cilíndrico que não identifiquei de primeira.

— Meus queridos, meus queridos! — Ele continuou a falar. — Será um prazer roubá-los nesta bela noite.

Então ele investiu contra nós.



O recém-chegado era veloz, de movimentos tão fluidos e rápidos que era difícil acompanhar sua trajetória. Ele fez um zigue-zague e foi no rumo da caixa segurada pelo fauno. O diretor do zoológico abraçou a encomenda junto ao peito e baixou a cabeça, pronto para dar uma chifrada no bandido.

— Este ovo é propriedade do Zoológico Municipal! — exclamou o fauno. — Não vou permitir que você o roube. Ele é a única chance de salvar a espécie da extinção!

O criminoso saltou no ar e pousou na frente do diretor. (Preciso admitir que foi um salto muito bonito e teria levado uma nota 10 nas Olimpíadas.) Então, com um sorriso zombeteiro, ele disse:

— Eu não ligo, *mon ami*.

Em seguida, apontou o objeto cilíndrico pra cara do homem-bode e apertou a parte de cima. Um espirro de fumaça verde despontou, engolfando o rosto do fauno. Senti um cheiro forte de repolho podre, que me fez tossir sem parar. Em segundos, o fauno estabacou-se no chão com um gemido de protesto, a mão esticada numa derradeira tentativa de capturar o bandido.

Então, o criminoso olhou pra mim. E eu só pude engolir em seco, ciente de que seria a próxima vítima do aroma repolhento.

— Uma testemunha! — exclamou ele com um forte sotaque francês. — Le Chat, O Nero do Crime, não pode deixar que isso aconteça, *non é?* O meu Repolho do Acre é forte o suficiente para desacordar um fauno, mas acho que os efeitos serão mais... *definitivos* em um garotinho tão franzino.

Ele deu um passo na minha direção, mas foi interrompido quando certa fadinha avançou contra o seu rosto, mordendo a ponta do narigão que saltava da fuça. O criminoso soltou um grito dolorido — mordidas de fadas doem MUITO por causa do veneno em seus dentinhos pontudos — e deixou sua lata de spray cair.

— AAAAH! *MON BEAU NEZ!*⁶ — esgoelava o criminoso, segurando a face e batendo os pés no chão.

Aproveitei a distração pra reaver a caixa e corri até a DKW, montando o mais rápido que pude. Strix veio logo em seguida, agarrando na gola da minha camisa.

— Você demorou — reclamei.

— Eu tenho 20 centímetros — respondeu ela. — Não é como se eu fosse capaz de derrubar ele com um soco e te carregar no colo. Faço o que posso... e, nesse caso, salvei a sua vida. De nada.

6 “Ah, meu belo nariz!”, disse ele. É tão bom ver alguém com autoestima, não é mesmo?

Girei o punho do acelerador com toda a força. Àquela altura, Le Chat já tinha recuperado a compostura e avançava contra nós. Dentre todas as formas possíveis de se morrer, eu não queria que o meu fim se desse via peido de repolho numa rua escura. Com o ladrão a um passo de distância, no último segundo, a velha moto roncou seu velho ronco e desembestou rua afora, ganhando altitude.

Le Chat ficou pra trás, proferindo improperios franceses.

— Estamos carregando o último ovo de Dragão da Patagônia — falei, ainda incrédulo. — Não podemos deixar que ele pegue isso, Strix.

A fada riu.

— E o que você vai fazer? — perguntou. — Chegar pra ele e dizer “Caro Senhor Bandido, será que dá pra você, *por favorzinho*, não surrupiar este ovo super-raro e valioso que vossa mercê tanto deseja? Ah, e se possível, eu também gostaria de pedir que não nos mate com seu gás de repolho...”?

Fechei a cara e fui pilotando. Às vezes era bem-bem-bem difícil aguentar Strix e sua mania de sabichona.⁷ Minha família a adotara quando eu era mais novo. Ela tinha sido expulsa do Distrito das Fadas por não ser “perfeita” — por causa de suas asas de tamanhos diferentes, acho —, e meus pais a encontraram vivendo em uma caixa de sapatos na Praça Sete. Desde então, ela era parte da família e a

7 Faço o que posso.

pessoa mais próxima da minha idade — ainda que fadas enxergassem o passar do tempo de outra maneira e ela na verdade tivesse 140 anos.

— Assim que a gente chegar em casa eu conto pro nosso pai e a gente chama a polícia — falei. — Papai não vai gostar nem um pouco de saber que tem um ladrão de cargas por aí.

— Pois é — respondeu Strix. — Talvez ele nem ligue tanto para o fato de você ter usado a função de voo sem permissão.

— É, espero que sim.

De repente, foguetes coloridos estouraram no céu e precisei me desviar. Era dia de jogo entre os dois maiores times de futebol da cidade — o Palestra Itália e o Atlético Mineiro Football Club⁸ — e sempre havia uma confusão de fogos de artifício quando uma partida terminava. Decidi continuar por terra dali em diante, antes de ser atingido ou reconhecido por alguém. Desviei de uma bruxa que retornava da passeata em uma vassoura branca de última geração e pousei na avenida Dom Pedro I. Pouco depois escutei o barulho de helicópteros e vi fochos de luz.

Minha casa não estava longe, apenas dez minutos dali até o Bairro Planalto. Fui pelo asfalto c'um sentimento

⁸ Meus conhecimentos futebolísticos são quase nulos. No entanto, eu sei que o Palestra Itália usa um uniforme azul e branco enquanto o Atlético joga de preto e branco.

murcho, mirrado mesmo, porque, depois de esvoaçar tão pra cima, o chão era um enfado — lento e sem graça.

Eu morava na avenida Cristiano Guimarães, um espaço cheio de prédios feios, supermercados desprovidos de beleza e pessoas com anemia de formosura.

Parei no frontispício de uma construção enorme e laranja cujos cinco andares decerto podiam ser vistos da lua. Nos dois primeiros, ficavam os depósitos de expedição do Serviço de Entregas Monstruosas, onde todas as encomendas mágicas chegavam e eram distribuídas para entrega. No terceiro andar dormia a parte burocrática e financeira, também conhecida como CAVERNA DA HEIDE — afinal, minha irmã mandava e desmandava ali. Por fim, nos dois últimos andares, ficava a nossa “casa-casa”.

Assoviei as notas que serviam de senha (o canto de um papa-capim). A porta subiu gemendo, dando vista a um longo galpão abarrotado de caixas, prateleiras, empilhadeiras, trabalhadores mágicos e humanos com uniformes alaranjados. Pacotes voavam de um lado pro outro e pousavam em seus devidos lugares. Centenas de fadas trabalhavam com duendes, sacis, gnomos e um GIGANTE que fazia serviços pesados. O Serviço de Entregas Monstruosas possuía dois galpões em BH e dois em cidades vizinhas: um no Arraial da Bandeirinha do Paraopeba e também outro em Contagem das Abóboras.

Estacionei a moto num canto e fui pro escritório de Papai, segurando a caixa com força. Eu precisava contar tudo sobre o ladrão francês.

Cumprimentei Birrento, o duende ex-presidiário e recém-contratado que cuidava da limpeza — sempre de cara fechada e sempre com seu esfregão. Era baixinho, de pele avermelhada, dentes podres, nariz pontudo e cabelos ruços. Birrento não cumprimentou de volta, e eu não me importei. Alguma coisa nele me dava calefrio.

Fui de passadas largas e respirando pela boca. Quando cheguei na salinha de vidro dos fundos, vi meu pai ao telefone e Bo, nossa Técnica de Informática, ao lado dele, com uma prancheta rosa na mão. Juana Bolaño era uma argentina ruiva e alta, de corpo rechonchudo e risada forte, que todo mundo só chamava de Bo.

— Obviamente, Doutor Pirraça, obviamente — dizia Papai, em timbre manso, pacato mesmo. — E, por causa desse favorzinho, eu ofereço um cupom com 10% de desconto pro senhor. E outro pra sua esposa! Qualquer entrega, viu? Nem precisa agradecer, meu caro.

— Seu pai tá calmo — afirmou Strix. — Vai dar certo.

Então, Papai colocou o telefone de volta no gancho usando os dedos como pinça — era o cúmulo da finura pra ele. Papai, alto, musculoso, negro e careca, era delicado feito um hipopótamo. Tão amplo e tão orgulhoso de nunca se maravilhar com nada. Ele me olhou, seus

olhinhos pretos brilhando, cofiou seu bigode — que saltava do rosto feito dentes de morsa⁹ — e, finalmente, me dirigiu a palavra.

— VOO NÃO AUTORIZADO, É?! — O bigode tremia. — O QUE O SENHOR TEM A DIZER EM SUA DEFESA, HEIN? VOCÊ TEM SORTE DE O CONTROLADOR DE VOOS DA REGIÃO SER MEU AMIGO! ELE NÃO VAI TE MULTAR, MAS EU PRECISEI DAR CUPONS DE DESCONTO PARA ELE... **DESCONTOS!** — A coisa que meu pai mais odiava no mundo, depois de música caipira islandesa, era dar desconto. — SABE O QUE EU PODERIA FAZER COM O DINHEIRO DESSE DESCONTO? COMPRAR MEU LEITE DE CABRA.

Tentei estancar aquela hemorragia de linguagem pra avisar que algo mais sério tinha se desenrolado.

— Pai, mas é que... ainda estou com...

— **NENHUM MAS, GUSTAVO!** — O rosto do meu pai ganhava cor de beterraba. — QUANTA IRRESPONSABILIDADE. FAZER ESSE TIPO DE COISA É O PRIMEIRO PASSO RUMO AO MUNDO DO CRIME...

9 O bigode, que tem vida própria e se move sozinho, resultou de uma tentativa de fazer o cabelo crescer. O pai, angustiado pela carequite, comprou um frasco de NOVO Capilator 2000 - feito com cuspe de lobisomem do Paraguai - e passou na cabeça inteira. Uma semana depois, o bigode apareceu. A família reclamou, mas o fabricante respondeu que a propaganda prometia o surgimento de cabelo, não o surgimento de cabelo *no topo da cabeça*.

Tentei outra vez.

— Falando em crime...

— JÁ CANSEI DAS SUAS DESCULPAS. — À medida que a irritação dava lugar pro desapontamento, as minúsculas se esgueiravam até a voz dele. — ESTOU PROFUNDAMENTE decepcionado com você. Vou ligar pra sua mãe e contar o que acontece quando te dou responsabilidades. Uma tragédia, DOIS cupons de desconto no mesmo dia!

Ele inspirou fundo e em seguida soltou um longo ganido desconsolado.

— Vinte por cento de desconto — murmurou. — É o meu leitinho de cabra indo embora...

— PAI, um ladrão...

— Sem desculpas, Gustavo — ele me breçou. — Pra casa antes que eu te bote no Cantinho da Disciplina.

Desde que Papai tinha começado a assistir a *Mega-Babá* na TV a cabo, ele vivia tentando aplicar as técnicas da babá caipora que lidava com “crianças impossíveis”. Não que alguma funcionasse lá em casa.

Fiquei sem alternativa, ciente de que Papai não escutaria uma só palavra do que eu tinha pra dizer. Assim como a grande maioria dos adultos, ele adorava o som da própria voz. Papai *certamente* teria um choque anafilático se prestasse atenção em outra pessoa! Por isso, rumei pro meu quarto e decidi ligar pra polícia eu mesmo.

Bo me lançou um olhar de compaixão — ou dó, era difícil perceber a diferença em um rosto coberto de fios

ruivos emaranhados. Só dava para ver a camiseta do Capitão Aza. Ela deu um tapinha nas minhas costas quando saí.

— Foi mal pela alocação ruim, eu não sabia da manifestação pelo caminho — ela se desculpou. — Caso contrário, eu teria dado a entrega pra alguém com permissão de voar.

Bo também cuidava do sistema que designava as entregas da empresa, e eu tinha pedido a ela que me desse o primeiro trabalho disponível, qualquer um.

Dei de ombros, desanimado.

— Não se preocupe. Eu não deveria ter apertado o botão — respondi e saí andando. — Depois eu te conto o que aconteceu.

Arrastei os pés, irritado, olhando pra caixa nas minhas mãos. A coisa que eu mais odiava era quando os meus pais não me escutavam. E eles faziam isso o tempo todo. Papai nem me ouviu por tempo o suficiente pra saber que a encomenda estava em segurança. Não. Tudo pra ele era gritar e gritar e gritar e GRITAR!

— Tente falar com ele de novo mais tarde — sugeriu Strix. — Quando estiver mais calmo. Papai acabou de dar 20% de desconto, foi um golpe pesado demais pra ele. *Regra número três: evitar descontos a qualquer custo.*

Revirei os olhos.

— Papai só escuta *ele mesmo* — respondi. — E você só defende porque ele te trata como a favorita da casa.

Fui pro elevador. Segurei a caixa com mais força e entrei convicto de que meu pai nunca escutaria a verdadeira história daquela noite. Senti uma pontada no peito, pensando que, se Mamãe estivesse ali, talvez e talvez, ela me escutasse. No entanto, por causa do trabalho — ela era oceanógrafa numa plataforma de perfuração de petróleo em alto-mar —, Mamãe passava meses fora de casa. Portanto eu e a fada ficávamos dias e dias só com Papai e Heide... que trabalhavam sem parar.

Mamãe ligava todos os dias pra saber como estavam as coisas. Menti em alto e largo e profundo. Falei que não tinha nada de especial, mas que trabalhar com Papai diferia do esperado por ela. Minha mãe, do alto dos seus cabelos castanhos e olhos azuis, tinha decidido que eu trabalharia na empresa da família durante as férias. E sempre que este assunto vinha à tona eu passava o telefone para o meu pai. Ultimamente ela e Papai gastavam muito tempo de ligação discutindo e falando coisas em sussurros. Eu não ligava pra nada disso. Afinal, a vida dos pais é o tipo de cena que acontece nos fundos do palco e nunca tem muita importância pra história principal.

Ela achou que AQUELA seria uma grande oportunidade de passarmos um tempo entre pai e filho. No entanto, Papai trabalhava sem parar, e eu ficava metido nas minhas coisas — como, por exemplo, o ovo de dragão.

O elevador estava na metade do caminho quando tomei um susto: a caixa sacolejou por vários segundos. Meu

coração bateu forte e os meus olhos se arregalaram. Agora que eu sabia o que estava ali dentro, parecia que tudo era diferente. Porém, antes que eu pudesse dar a devida atenção pro evento, ouvi meu celular tocando. Era um recado de Melina, bruxa e melhor amiga (única amiga) nas horas vagas:

“*PUER, ACHO QUE VOCÊ ESTÁ NA TV!!!*”

DRAGÕES DA PATAGÔNIA



Extintos, os ferozes e majestosos Dragões da Patagônia eram senhores dos céus e do gelo. Atingiam mais de 25 metros de comprimento quando adultos.

Quispe, considerado o último macho da espécie, foi morto em 1998, juntamente com sua esposa, Alita. Apesar de as autoridades patagônias montarem guarda armada na tentativa de proteger os animais, os dragões ainda assim foram mortos por caçadores norte-americanos que invadiram seu habitat com rifles de caça em busca de emoção.

Os ovos dos dragões foram roubados e, acredita-se, destruídos.

== CAUSA DE EXTINÇÃO ==

A caça foi um dos motivos que reduziram drasticamente os números da espécie, assim como a destruição de seu habitat. Porém, o motivo principal foi a crença de que os Dragões da Patagônia adultos podiam transformar brita em ouro, o que levou à sua captura ilegal e à sua comercialização.

Fonte: *Almanaque Abriu* 2019

QUANDO O POVO MÁGICO SE REVELOU PARA A HUMANIDADE, O MUNDO MUDOU.

Desde então, dragões de estimação e bruxas voando pelos céus são parte do dia a dia. Mas num mundo cheio de objetos mágicos poderosos, é preciso um serviço de confiança para transportá-los!

Com suas motos e vassouras voadoras, o Serviço de Entregas Monstruosas leva encomendas sobrenaturais para qualquer lugar de Bello Horizonte — uma cidade que não é como você imagina. Os negócios vão muito bem, obrigado, até o dia em que o humano Gustavo e a fada Strix sofrem uma tentativa de roubo na sua primeiríssima entrega! Isso porque, sem saber, eles carregavam uma raridade digna da atenção de grandes mestres do crime... o último ovo de Dragão da Patagônia.

Ao escapar por pouco de um ataque repolhento, os dois se tornam responsáveis por um filhote de dragão cheio de vontades e precisam protegê-lo de uma organização com planos tenebrosos e infiltrados onde menos se espera. Quem diria que dentro de uma simples encomenda estava o início de uma aventura épica?

Aliando cenas de ação, suspense, humor, criminosos narigudos e planos mirabolantes, *O Serviço de Entregas Monstruosas* é uma história emocionante sobre família, comunidade e como não treinar o seu dragão. Aliás, esqueça a polêmica sobre a autoria da obra (seria o menino Gustavo o verdadeiro autor deste relato e o sr. Jim Anotsu um mero tradutor do mineirês?) e aproveite essa grande aventura recomendada para monstrinhos de 8 a 100 anos de idade!

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1065/>